

TRISTES TRÓPICOS, 50 ANOS

Eduardo Luz*

Resumo

Este artigo apresenta alguns temas desenvolvidos em Tristes trópicos, particularmente os de natureza literária e antropológica, que ganharam relevo ao longo dos cinquenta anos que decorreram desde o seu lançamento.

Palavras-chave: *Tristes trópicos*; Literatura e Antropologia; Estudos Brasileiros.

Abstract

This article presents some themes developed in Tristes tropiques, particularly the literary and anthropologic natured ones, that gained importance throughout the fifty years that have passed since its launch.

Keywords: *Tristes tropiques*; Literature and Anthropology; Brazilian Studies.

Há 50 anos, em Paris, foi lançado *Tristes trópicos*, do belga Claude Lévi-Strauss. Esta que veio a tornar-se uma das obras mais importantes do século XX é, ao mesmo tempo, um documento antropológico e um monumento literário: trata-se de uma obra inclassificável, do ponto de vista do gênero. Clifford Geertz, um dos mais prestigiosos antropólogos culturais do mundo, chama-o de *livro anômalo* (Geertz: 2002, p. 35), de caráter literário e auto-referencial. O brasileiro Roberto DaMatta, em seu estudo *Edgar Allan Poe, o bricoleur: um exercício de análise simbólica*, considera *Tristes trópicos* uma excelente introdução à antropologia estrutural. François Laplantine, antropólogo francês que pesquisa o Brasil, afirma que essa obra de Lévi-Strauss é a culminância do *romance etnológico* (Laplantine: 2000, p. 177). Essa dificuldade de enquadramento da obra pelos estudiosos reflete a pluralidade de campos explorados por Lévi-Strauss: segundo Geertz, trata-se de uma narrativa de via-

gem e de um tratado reformista; um texto filosófico e uma obra literária simbolista; é enfim, e apesar de tudo, uma etnografia. Esse livro fundamental, no entanto, tem para nós, brasileiros, uma significação especial: ele fixa a experiência do jovem etnólogo no Brasil dos anos 30, destacando seu contato com grupos indígenas. Sobre isso falaremos mais detalhadamente. Antes, é indispensável lembrar quem é o autor e como se construiu o livro.

Claude Lévi-Strauss nasceu em Bruxelas, Bélgica, em 1908, numa família que cultuava as artes. Filósofo de formação pela Sorbonne, recebeu o convite para o posto de professor de Sociologia na recém-nascida Universidade de São Paulo, num domingo do outono de 1934, às nove horas da manhã (Lévi-Strauss: 1996, p. 45), convite a que deveria responder antes do meio-dia. Aceitou-o, um tanto pelo desejo de afastar-se das ortodoxias filosóficas daquela Paris, um tanto pela ilusão de estudar índios que viveriam nos arredores daquela São Paulo. Aqui aportou em 1935, em Santos. Ao longo dos dois anos subsequentes, aproveitando sobretudo as férias universitárias, Lévi-Strauss visitou a reserva dos caingangue, no Paraná, contactou os cadíueu, na fronteira paraguaia, e os bororo, no atual Mato Grosso do Sul. De volta à França, obteve apoio do governo francês e retornou ao Brasil em 1938, para expedições mais longas e complexas: Mato Grosso, onde viviam os nambiquara, e Amazonas, dos tupi-cavaíba. Lévi-Strauss tornou-se etnólogo no Brasil, etnólogo e ecologista. De novo na França, esse judeu de origem alsaciana viu-se obrigado, em fevereiro de 1941, a embarcar para a América, num pequeno vapor onde se apinhavam 350 pessoas, entre elas André Bréton. De 41 a 45, refugiado nos Estados Unidos, lecionou em Nova Iorque. Lá, conheceu Roman Jakobson, que o influenciou em relação à perspectiva lingüística e estruturalista de sua antropologia. Finda a guerra, tornou-se conselheiro cultural da embaixada da França nos Estados Unidos, em Nova Iorque. Em 1949, ano em que lançou *As estruturas elementa-*

* Mestre em Literatura Brasileira. Professor de Teoria da Literatura – UFC.

res do parentesco, foi subdiretor do Museu do Homem. Lá existe um adorno bororo obtido por ele em 1937, trocado por um fuzil, após negociações que duraram oito dias. Tornou-se professor da Escola Prática de Altos Estudos, na cátedra de Religiões Comparadas dos Povos sem Escrita. Em 1959, fez-se membro do Colégio de França, onde ensinou Antropologia Social até 1982. Foi acolhido pela Academia Francesa em 1973. Em 28 de novembro de 2004, completou 96 anos.

Tristes trópicos foi escrito em três meses, durante 1954. Publicado no ano seguinte, obteve enorme êxito e esteve a ponto de ganhar o Prêmio Goncourt, reservado por estatuto a romances. Trata-se de um texto torrencial, arrebatador, pontilhado de fulgurações, que contém em germe a obra de Lévi-Strauss – o que não deixa de ser paradoxal, tendo sido ele um dos pensamentos mais rigorosos e organizados do século XX. Baseada na experiência resultante de seu contato com índios brasileiros, a obra esteve durante muitos anos para ser escrita, mas *uma espécie de vergonha e de repulsa* (Lévi-Strauss: 1996, p. 15) impediam o etnólogo de empreender o projeto. Resgatando fatos da década de 30, *Tristes trópicos* nasceu apresentado em nove partes. Façamos um esforço para destacar alguns aspectos de cada uma delas.

A primeira frase do livro fez-se famosa: *Odeio as viagens e os exploradores*. Geertz considera que essa passagem é *uma negação irônica e reflexiva* (Geertz: 2002, p. 52) daquilo que a obra (também) é: um relato de viagens. Embora como tal tenha sido escrita, não como antropologia, na primeira parte destacam-se reflexões sobre o fazer etnológico. Nos anos 30, não havia estudos estruturados como os de hoje, e o pesquisador devia afirmar-se pelas próprias forças. Lévi-Strauss sente-se um perdedor: fosse um antigo viajante (como Jean de Léry, no século XVI), defrontar-se-ia com um espetáculo extraordinário, mas isso lhe escaparia, por causa de informações que, à época, seriam indisponíveis a ele; como viajante moderno, punha-se a buscar vestígios de um mundo desaparecido, tão à mão quatro séculos antes. Lévi-Strauss entende haver dois etnólogos: o que multiplica suas forças diante das adversidades, acumulando observações e notas, e o que se fecha em si mesmo, deixando-se flutuar, produzindo um trabalho que só se manifestará em sua consciência anos depois. Em *Tristes trópicos*, apesar de tantas anotações brasileiras, Lévi-Strauss somou-se à categoria dos que flutuam. É com estas palavras que ele encerra a primeira parte do livro:

De forma inesperada, entre mim e a vida o tempo alongou seu istmo; foram necessários vinte anos de esquecimento para me levarem ao tête-à-tête com uma experiência antiga cujo sentido me fora recusado, e a intimidade, roubada, outrora, por uma perseguição tão longa quanto a Terra. (Lévi-Strauss: 1996, p. 41)

A segunda parte destaca a procura do jovem etnólogo por um modelo de *geologia humana*, símbolo de sua

avidez por compreender. Lévi-Strauss relata-nos a decifração de uma paisagem, com um sentimento de êxtase; sua busca de um sentido para a desordem aparente ultrapassa acidentes históricos ou pré-históricos. Com um lirismo arrebatado, esse viajante afirma a geologia como matriz de seu pensamento, ao abordar uma fissura rochosa de vários milênios. Leiamos o trecho.

Que se produza o milagre, como ocorre de vez em quando; que, de um lado e outro da rachadura secreta surjam par a par duas verdes plantas de espécies diferentes, cada uma escolhendo o solo mais propício; e que no mesmo momento se percebam na rocha duas amonites de involuções desigualmente complicadas, comprovando a seu modo uma distância de algumas dezenas de milênios: de repente, o espaço e o tempo se confundem, a diversidade viva do instante justapõe e perpetua as eras. O pensamento e a sensibilidade atingem uma dimensão nova em que cada gota de suor, cada flexão muscular, cada arfar tornam-se outros tantos símbolos de uma história cujo movimento próprio meu corpo reproduz, e cujo significado, ao mesmo tempo, meu pensamento abarca. Sinto-me banhado numa inteligibilidade mais densa, em cujo seio os séculos e os lugares se respondem e falam linguagens afinal reconciliadas. (Lévi-Strauss: 1996, p. 54)

Trata-se de uma passagem verdadeiramente intensa, impressionante mesmo. Em algum lugar de que não me lembro, Italo Calvino fala de sua predileção por Lucrécio, devida essencialmente à atenção minuciosa desse romano, revelador de Epicuro. Não é irrelevante que a epígrafe de *Tristes trópicos* tenha sido extraída do livro III de *Da natureza*, de Lucrécio. Lévi-Strauss não deixará de proclamar o que somos: um simples estremecimento na superfície de um mar universal, que é metáfora da história da evolução.

Da terceira parte, destacam-se as reflexões do autor em torno da Missão Francesa, grupo de professores ligado à fundação da Universidade de São Paulo. Para Lévi-Strauss, o nascimento da USP revela a estratégia da oligarquia para fazer frente à Igreja e ao Exército: levar a cultura a uma clientela mais vasta, da qual surgiriam quadros intelectuais e políticos formadores da opinião pública – laica e civil – de que essa oligarquia precisava. Duas perspectivas do jovem mestre europeu sofrem revisões: uma acerca dos professores brasileiros – circunstancialmente alunos; outra em relação aos estudantes, de maneira geral.

Quando cheguei ao Brasil para participar dessa fundação, julguei – lembro-me ainda – a condição humilhante de meus colegas locais com uma compaixão um pouco arrogante. Ao ver aqueles professores miseravelmente pagos, obrigados, para comer, a fazer obscuros trabalhos, senti o orgulho de pertencer a um país de velha cultura onde o exercício de uma profissão liberal era cercado de garantias e de prestígio. Não desconfiava que, vinte anos depois, meus alunos

necessitados de então ocupariam cátedras universitárias, às vezes mais numerosas e melhor equipadas do que as nossas, servidos por bibliotecas como gostaríamos de possuir. (Lévi-Strauss: 1996, p. 97)

Quanto aos alunos, espantava-se Lévi-Strauss com o entusiasmo que expressavam pelas idéias novas e mesmo com o domínio que tinham delas; quanto às teorias históricas, pouco ou nada conheciam. O espanto do mestre se justificava; afinal, fora criado *para respeitar apenas as idéias maduras* (Lévi-Strauss: 1996, p. 99). Conclui-se a terceira parte com estas palavras dirigidas pelo autor aos alunos de então, e elas não manifestam qualquer ironia:

Pensando no que era a Europa da época e no que é hoje, aprendi, vendo-vos vencer em poucos anos uma distância intelectual que se poderia supor da ordem de vários decênios, como desaparecem e como nascem as sociedades; e que essas grandes reviravoltas da história que, nos livros, parecem resultar do jogo das forças anônimas agindo no centro das trevas, também podem, num claro instante, realizar-se pela resolução viril de um punhado de crianças bem-dotadas. (Lévi-Strauss: 1996, p. 100)

A quarta parte de *Tristes trópicos* é um *travelling mental*, como diz Lévi-Strauss. No resgate de impressões, ele parte de seu hotel em Goiânia e chega a outro, em Calcutá; é ilustrativo lembrar o título do capítulo 14, um dos cinco que compõem esta parte: *O tapete voador*. Nela, o etnólogo avalia o mal-entendido entre o Ocidente e o Oriente (Lévi-Strauss: 1996, p. 139); é o estilo levistraussiano de explorar um tema: sobrevoá-lo, vagarosamente, em círculos.

Seu *retorno* ao Brasil dá-se na quinta parte, intitulada *Cadiueu*. Antes de chegar a Nalike, capital da nação cadiueu, Lévi-Strauss passa pelo que poderíamos chamar de *naturalização*, expressão da área antropológica: na reserva dos cainguangue, no Paraná, experimenta um petisco apreciadíssimo pelos índios, os corós, larvas brancas que fervilham em troncos de árvores podres. É um bicho grande, de cor creme, decapitado vivo pelos dentes de nosso vacilante etnólogo. Os cadiueu pertencem à família dos guaicururus, cuja fonética impressionou o ouvido musical de Lévi-Strauss: *a fala acelerada e as palavras compridas, todas de vogais claras que alternam com as dentais e guturais, e a abundância de fonemas molhados ou líquidos dão a impressão de um riacho saltando sobre seixos* (Lévi-Strauss: 1996, p. 169). Também o impressionou a postura orgulhosa desses homens e mulheres, que se faziam respeitar pelos próprios portugueses, os quais os chamavam por Dom ou Dona. Destaca-se, no entanto, um rasgo extravagante dessa sociedade fortemente hierarquizada: as pinturas faciais. Tinham elas duas funções: efetuar a promoção dos homens da condição animal à civilizada – Merquior nos lembra que os cadiueu consideravam os missionários como *pessoas estúpidas*, por não se pintarem (Merquior: 1975, p.

13) – e indicar as castas sociais dos membros da comunidade; em outras palavras, a decoração do rosto indicava tanto uma contingência quanto o *status* no grupo.

Respondemos parcialmente à pergunta, ou melhor, os indígenas o fizeram por nós. Antes de mais nada, as pinturas do rosto conferem ao indivíduo sua dignidade de ser humano; operam a passagem da natureza à cultura, do animal “estúpido” ao homem civilizado. Em seguida, diferentes quanto ao estilo e à composição segundo as castas, expressam numa sociedade complexa a hierarquia dos status. Possuem, assim, uma função sociológica. (Lévi-Strauss: 1996, p. 183)

Encontra-se nesta parte da obra uma das mais límpidas definições de Estruturalismo; trata-se de uma tese da qual esse mestre do rigor nunca se afastou completamente, embora já na virada para a década de 70 se afirmassem pensamentos libertários contra a intransigência estruturalista.

O conjunto dos costumes de um povo é sempre marcado por um estilo; eles formam sistemas. Estou convencido de que esses sistemas não existem em número ilimitado, e que as sociedades humanas, assim como os indivíduos – em seus jogos, seus sonhos ou seus delírios –, jamais criam de modo absoluto, mas se limitam a escolher certas combinações num repertório ideal que seria possível reconstituir. Fazendo o inventário de todos os costumes observados, de todos os imaginados nos mitos, destes também evocados nos jogos das crianças e dos adultos, nos sonhos dos indivíduos saudáveis ou doentes e nos comportamentos psicopatológicos, chegaríamos a elaborar uma espécie de quadro periódico como o dos elementos químicos, no qual todos os costumes reais ou simplesmente possíveis apareceriam reunidos em famílias, e no qual só nos restaria identificar aqueles que as sociedades de fato adotaram. (Lévi-Strauss: 1996, p. 167)

A sexta parte intitula-se *Bororo*. Suas aldeias ficavam entre as cidades de Corumbá e Cuiabá. Os primeiros bororo contatados pela expedição conheciam apenas uma palavra em português: *fumo*, que pronunciavam *sumo*. Lévi-Strauss lembra que os velhos missionários afirmavam que os índios não tinham fé, rei ou lei, porque estes não reconheciam em sua fonética o *f*, o *r* e o *l*. Foi-nos inevitável resgatar a extraordinária *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, o primeiro livro impresso acerca do Brasil, de 1575, do qual se conhecem hoje, em todo o mundo, apenas dez exemplares. Seu autor é Pero de Magalhães de Gândavo, amigo pessoal de Camões, cujos versos abrem o opúsculo. Confirma-se aqui a observação de Lévi-Strauss: *Carece [a língua] de três letras, convém a saber, não se acha nela, F, nem, L, nem, R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei: e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além*

disto conta, nem peso, nem medida. (Gândavo: 1984, p. 33-34, adaptado). Viviam o povo bororo em duas metades: os Sera e os Tugaré. Os primeiros possuíam o poder da ordem política e religiosa; os outros eram os senhores das águas e das terras. As metades regulavam não só casamentos, mas inúmeros aspectos da vida social; as duas partes eram parceiras, embora isso não excluísse a rivalidade. O ponto central desta sexta parte da obra reside na poderosa impressão que o sistema metafísico dos bororo, extremamente elaborado, deixou no jovem etnólogo.

Se o pensamento dos Bororo (nisso, semelhantes aos etnógrafos) é dominado por uma oposição fundamental entre natureza e cultura, resulta que, ainda mais sociólogos do que Durkheim e Comte, para eles a vida humana inscreve-se na ordem da cultura. Dizer que a morte é natural ou antinatural perde o sentido. De fato e de direito, a morte é a um só tempo natural e anticultural. Isto é, toda vez que um indígena morre, não só seus próximos, mas toda a sociedade, são lesados. O dano que a natureza causou à sociedade faz com que tenha que pagar uma dívida, termo que traduz bastante bem a noção de mori, essencial para os Bororo. Quando morre um indígena, a aldeia organiza uma caçada coletiva, confiada à metade alterna à do defunto: expedição contra a natureza que tem por objetivo abater uma grande caça, de preferência uma onça, cuja pele, garras e presas constituirão o mori do defunto. (Lévi-Strauss: 1996, p. 220)

Nambiquara é o título da sétima parte. Essa população ocupava o cerrado do Brasil central. Seu nível de vida material, extremamente baixo, contrastava com uma organização social e um pensamento religioso muito desenvolvidos. É significativa a última frase desta parte: *Eu procurara uma sociedade reduzida à sua expressão mais simples. A dos Nambiquara o era, a tal ponto que nela só encontrei homens* (Lévi-Strauss: 1996, p. 299). Destaca-se nesta parte, no entanto, a idéia de que *Tristes trópicos* permite ser tomado como um documento da mentalidade simbolista francesa no seu encontro com outras mentalidades simbolistas (a nambiquara, mais especificamente) em cuja coerência interna Lévi-Strauss deseja penetrar, para nelas encontrar uma replicação da sua – *a forma mais fundamental* do pensamento. Ao longo da obra, citam-se os mestres dessa tradição – Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud... – e um trecho denunciador dessa leitura se oferece ao leitor ainda no início da obra.

O Brasil esboça-se em minha imaginação como feixes de palmeiras torneadas, ocultando arquiteturas estranhas, tudo isso banhado num cheiro de defumador, detalhe olfativo introduzido sub-repticiamente, ao que parece, pela homofonia observada de forma inconsciente entre as palavras Brésil e grésiller [“Brasil” e “crepitar”], e que, mais do que qualquer experiência adquirida, explica que ainda hoje eu pense primeiro

no Brasil como num perfume queimado. Consideradas retrospectivamente, essas imagens já não me parecem tão arbitrarias. Aprendi que a verdade de uma situação não se encontra em sua observação cotidiana, mas nessa destilação paciente e fragmentada que o equívoco do perfume talvez já me convidasse a pôr em prática, na forma de um trocadilho espontâneo, veículo de uma lição simbólica que eu não estava em condições de formular claramente. Menos do que um percurso, a exploração é uma escavação: só uma cena fugaz, um canto de paisagem, uma reflexão agarrada no ar permitem compreender e interpretar horizontes que de outro modo seriam estéreis. (Lévi-Strauss: 1996, p. 45-46)

A oitava parte de *Tristes trópicos* registra o contato com os tupi-cavaíba, na Amazônia, em 1938. Lévi-Strauss toma-se como o primeiro homem branco a penetrar essa comunidade indígena, e isso o faz sentir-se próximo de Jean de Léry, Hans Staden, Gabriel Soares de Sousa e outros, por uma espécie de exultação virginal. Tratava-se de índios absolutamente extraordinários aos olhos do jovem etnólogo. Adquiriam vários nomes durante as fases de sua vida; cada um deles tinha, no mínimo, dois nomes. Lévi-Strauss registra, maravilhado, *uma opereta, com mistura de canto e texto falado*, representada por Tapehari, o chefe principal, que encarnava sozinho inúmeros personagens... Desta parte da obra, ressalta o estranhamento do etnólogo diante de selvagens absolutos tão longamente procurados: *Ali estavam eles (...) Tão próximos de mim quanto uma imagem no espelho, eu podia tocar-lhes, mas não compreendê-los* (Lévi-Strauss: 1996, p. 315). Isso foi para ele, ao mesmo tempo, uma recompensa e uma punição, extremos da experiência etnográfica, do *estar lá* – e um questionamento sensível de sua própria autoridade de pesquisador.

A nona e última parte do livro é *A volta*. Podemos concentrá-la em um nome: Jean-Jacques Rousseau. Foi ele, para Lévi-Strauss, *o mais etnógrafo dos filósofos*. Várias páginas finais são destinadas a Rousseau; nelas, é tomado por mestre, um pensador cercado de leitores e não-leitores equivocados. Lévi-Strauss devolve respeitabilidade ao modelo social rousseauiano, *um meio-termo entre a indolência do estado primitivo e a petulante atividade de nosso amor-próprio* (Lévi-Strauss: 1996, p. 370), que em nada deve confundir-se com glorificação do estado natural. Esse resgate liga-se à indignação que nunca abandonou Lévi-Strauss e que se fez essencial à sua obra: a repulsa pela mutiladora civilização industrial. Trata-se de uma rejeição estética e moral: *O que nos mostrais em primeiro lugar, viagens, é nossa imundície atirada à face da humanidade* (Lévi-Strauss: 1996, p. 35). É uma denúncia... e um alerta de revide.

Visto que ser homem significa, para cada um de nós, pertencer a uma classe, a uma sociedade, a um país, a um continente e a uma civilização; e que para nós, europeus e apegados à terra, a aventura ao coração

do Novo Mundo significa antes de mais nada que ele não foi o nosso, e que carregamos o crime de sua destruição; e que, em seguida, não haverá outro igual: saibamos ao menos, reduzidos a nós mesmos por essa confrontação, expressá-la nos seus termos primeiros – em um lugar, e nos transferindo para um tempo em que nosso mundo perdeu a oportunidade que lhe era oferecida de escolher entre as suas missões. (Lévi-Strauss: 1996, p. 371)

Catherine Clément, amiga de Lévi-Strauss e pesquisadora de sua obra, pergunta-nos: *Querem compreender o presente? Leiam Tristes trópicos, tudo está lá* (Clément: 2003, p. 9). Essas palavras vêm ao encontro do título que Clifford Geertz destinou a um estudo relativo a *Tristes trópicos: O mundo num texto*. Não há dúvida de que Lévi-Strauss é hoje, do alto de seus 96 anos, um dos raros pensadores vivos que modificaram a forma como o homem pensa sobre si próprio. Jacques Derrida destacou que o deslocamento da Europa como cultura de referência por princípio se deve aos estudos de Lévi-Strauss. Esse descentramento, ao desconstruir as verdades do etnocentrismo, determinou uma revisão crítica no discurso das ciências humanas. Especificamente para nós, brasileiros, *Tristes trópicos* é algo mais que uma obra universal, ela é o que chamamos um Estudo Brasileiro. Em 22 de fevereiro deste ano, no *Le Monde*, Lévi-Strauss declarou que o Brasil havia sido a experiência mais importante de sua vida. Esse reconhecimento pode ser confirmado pelas palavras de Denis Bertholet, autor de recente

biografia do antropólogo, com as quais encerramos nosso registro do cinquentenário de *Tristes trópicos*:

Ela foi [a experiência brasileira de Lévi-Strauss], para ele, o momento da aprendizagem fundamental. Foi extremamente dura (as lutas pelo poder no grupo de professores da Missão Francesa, a descoberta do que poderia haver de entediante e até mesmo deprimente no novo lugar), mas deu a ele o que faltava: a experiência maior e a maestria do trabalho etnográfico. O Brasil o despertou. (Rezende: 2003, p. 23)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLÉMENT, Catherine. *Claude Lévi-Strauss*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1984.
- GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MERQUIOR, José Guilherme. *A estética de Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- REZENDE, Marcelo. *Perto do coração selvagem*. In: CULT. São Paulo, novembro/2003, nº 74, p. 20-24.